

A Bíblia

J. Gresham Machen

Já observamos que o liberalismo moderno perdeu de vista os dois grandes pressupostos da mensagem cristã — o Deus vivo e o fato do pecado. Tanto a doutrina liberal de Deus quanto a doutrina liberal do homem são diametralmente opostas à visão cristã. Mas a divergência relaciona-se não apenas aos pressupostos da mensagem, mas também à própria mensagem.

A mensagem cristã vem a nós através da Bíblia, O que devemos pensar sobre a Bíblia que contém essa mensagem?

De acordo com a visão cristã, a Bíblia contém um relato da revelação de Deus ao homem que não é encontrado em nenhum outro lugar. É verdade, a Bíblia também contém uma confirmação e um fortalecimento maravilhoso das revelações que são dadas também pelas coisas que Deus fez e pela consciência do homem. “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras de suas mãos” — estas palavras são uma confirmação da revelação de Deus na natureza; “todos pecaram e carecem da glória de Deus” — estas palavras são uma confirmação do que é atestado pela consciência. Mas, além dessas reafirmações, de fatos que possivelmente poderiam ser aprendidos de outras fontes — na realidade, por causa da cegueira dos homens, essas coisas são aprendidas de outras fontes apenas em modo comparativamente obscuro — a Bíblia também contém um relato absolutamente novo de uma revelação. Esta nova revelação diz respeito ao modo pelo qual o homem pecador pode entrar em comunhão com o Deus vivo.

O caminho foi aberto, de acordo com a Bíblia, por um ato de Deus quando, há dois mil anos¹, fora das paredes de Jerusalém, o Filho eterno foi oferecido como sacrifício pelos pecados de homens. Todo o Antigo Testamento espera ansiosamente este grande evento único e todo o Novo Testamento encontra nele o seu centro e cerne. A salvação então, de acordo com a Bíblia, não é algo que foi descoberto, mas algo que aconteceu. Daí surge a exclusividade da Bíblia. Todas as idéias do cristianismo podem ser descobertas em alguma outra religião, porém não pode haver cristianismo em outra religião. Porque o cristianismo não depende de um complexo de idéias, mas da narração de um evento. Sem este evento, o mundo, na visão cristã, está totalmente escuro e a humanidade está perdida sob a culpa do pecado. Não pode haver salvação

¹ NT. No original, há quase mil e novecentos anos.

pela descoberta da verdade eterna porque a verdade eterna nada pode trazer além do desespero por causa do pecado. A vida recebeu um novo aspecto através das coisas abençoadas que Deus fez, quando sacrificou seu único Filho gerado.

Às vezes uma objeção é levantada a esta visão do conteúdo da Bíblia.² Pergunta-se se devemos depender do que aconteceu há tanto tempo? A salvação deve ser dependente do exame de registros antiquados? O estudante treinado na história da Palestina é o sacerdote moderno sem a cuja intervenção graciosa ninguém pode ver a Deus? Não podemos encontrar, em seu lugar, uma salvação que independe da história, uma salvação que depende apenas do que está conosco aqui e agora?

A objeção não é desprovida de peso. Mas ela ignora uma das evidências primárias para a veracidade do registro do evangelho. Esta evidência é encontrada na experiência cristã. A salvação depende do que aconteceu há muito tempo, mas este evento tem efeito contínuo até os dias de hoje. Encontramos, no Novo Testamento, que Jesus se ofereceu como sacrifício pelos pecados daqueles que crêem nele. Isto é um registro de um evento passado. Mas podemos fazer um teste do mesmo hoje e, ao julgá-lo, descobrimos que isso é verdadeiro. Encontramos, no Novo Testamento, que em uma certa manhã, há muito tempo, Jesus ressuscitou. Isso, novamente, é um registro de um evento passado. Mas, mais uma vez, podemos julgá-lo e, ao aferí-lo, descobri mos que Jesus é verdadeiramente um Salvador vivo hoje.

Nesse ponto, um erro fatal está de emboscada. É um dos erros essenciais do liberalismo moderno. A experiência cristã, como acabamos de dizer, é útil para confirmar a mensagem do evangelho. Mas porque ela é necessária, muitos homens têm concluído, precipitadamente, que ela é tudo o que é necessário. Dizem que se temos uma experiência presente de Cristo no coração deveríamos sustentar esta experiência, independentemente do que a história possa nos dizer quanto aos eventos da primeira Páscoa. Não podemos nos fazer totalmente independentes dos resultados do criticismo Bíblico? Não importa que tipo de homem a história possa dizer que Jesus de Nazaré foi realmente, não importa o que a história possa dizer sobre o significado real da sua morte ou sobre a história da sua suposta ressurreição, não pode mos continuar a experimentar a presença de Cristo em nossas almas?

² Para o que se segue compare History and Faith, 1915, ps. 13-15.

O problema é que a experiência assim mantida não é uma experiência cristã. Pode ser uma experiência religiosa, mas certamente não é uma experiência cristã. Porque a experiência cristã depende absolutamente de um evento, O cristão diz para si mesmo: “Tentei meditar sobre o problema de tornar-me justo com Deus, tentei produzir uma justiça que permaneceria à sua vista; mas quando ouvi a mensagem do evangelho, compreendi que o que eu tinha aspirado alcançar em minha fraqueza, já havia sido alcançado pelo Senhor Jesus Cristo quando ele morreu por mim na Cruz e completou sua obra redentora através da ressurreição gloriosa. Se o que ele fez não tivesse sido feito, se eu meramente tivesse uma idéia da sua realização, então seria, de todos os homens, o mais miserável, porque ainda estaria nos meus pecados. Minha vida cristã, então, depende completamente da verdade do registro do Novo Testamento”.

A experiência cristã é corretamente usada quando confirma a evidência dos documentos históricos. Mas nunca pode prover um substituto para a evidência documentária. Sabemos que a história do evangelho é verdadeira parcialmente por causa da data antiga dos documentos nos quais aparece, pela evidência quanto à sua autoria, evidência interna da sua verdade e pela impossibilidade de explicá-la como tendo sido baseado em uma decepção ou em um mito. Esta evidência é gloriosamente confirmada pela experiência presente que adiciona à evidência documentária a integridade maravilhosa e a urgência de convicção que nos livra do medo. A experiência cristã é corretamente usada quando ajuda a nos convencer de que os eventos narrados no Novo Testamento realmente aconteceram; mas ela nunca pode nos capacitar a sermos cristãos, quer os eventos tenham ocorrido ou não. É uma bela flor e deveria ser apreciada como dom de Deus. Mas cortada de sua raiz no Livro abençoado, ela logo seca e morre.

Assim, a revelação do relato que está contida na Bíblia abraça não apenas a reafirmação das verdades eternas — ela mesma necessária porque as verdades têm sido obscurecidas pelo efeito cegante do pecado — mas também uma revelação que apresenta o significado de um ato de Deus.

O conteúdo da Bíblia, portanto, é único. Mas outro fato sobre a Bíblia também é importante. A Bíblia pode conter um relato de uma verdadeira revelação de Deus e, apesar disto, o relato pode ser cheio de erros. Antes que a autoridade total da Bíblia possa ser estabelecida, então, é necessário adicionar a doutrina cristã da inspiração à doutrina cristã da revelação. Esta doutrina significa que a Bíblia não é apenas um relato de coisas importantes, mas que o próprio relato é verdadeiro, tendo os escritores sido preservados de erros, a despeito de uma manutenção total de seus hábitos de pensamento e expressão, que o Livro resultante é a “regra infalível de fé e prática.”

Esta doutrina da “inspiração plena” tem sido assunto de deturpação persistente. Seus oponentes falam dela como se envolvesse uma teoria mecânica da atividade do Santo Espírito, O Espírito, diz-se, é representado nesta doutrina como se tivesse ditado a Bíblia aos escritores, considerados realmente pouco mais do que estenógrafos. Mas, naturalmente, todas estas caricaturas não têm base de fato, e é surpreendente que homens inteligentes sejam tão obscurecidos pelo preconceito a ponto de nem mesmo examinarem, por si mesmos, as investigações perfeitamente acessíveis nas quais a doutrina da inspiração plena é apresentada. Normalmente se considera como uma boa prática, examinar algo por si mesmo antes de ecoar o ridículo vulgar deste algo. Mas, em conexão com a Bíblia, estas restrições sábias são consideradas, de algum modo, fora de lugar. É muito mais fácil contentar uma pessoa com uns poucos adjetivos ultrajantes como “mecânico” ou semelhantes. Por que engajar-se em um criticismo sério quando o povo prefere o ridículo? Por que atacar um oponente real quando é mais fácil derrubar um espantalho?³

Na realidade, a doutrina da inspiração plena não nega a individualidade dos escritores bíblicos; ela não ignora o uso que fizeram de meios ordinários para a aquisição de informação; ela não envolve qualquer falta de interesse nas situações históricas que deram origem aos livros bíblicos. O que ela nega é a presença de erros na Bíblia. Ela supõe que o Espírito Santo informou as mentes dos escritores bíblicos de tal forma que eles foram impedidos de cometerem os erros que danificam todos os outros livros. A Bíblia pode conter um relato de uma revelação genuína de Deus e, mesmo assim, não conter um relato verdadeiro. Mas, de acordo com a doutrina da inspiração, o relato é, na realidade, um relato verdadeiro; a Bíblia é uma “regra infalível de fé e prática”.

Esta, certamente, é uma reivindicação estupenda e não é de se surpreender que seja atacada. Mas o problema é que o ataque nem sempre é leal. Se o pregador liberal fizesse objeção à doutrina da inspiração plena baseado no fato de que, na realidade, há erros na Bíblia, ele poderia estar certo ou errado, mas a discussão seria conduzida em terreno adequado. Mas, muitas vezes, o pregador deseja evitar a questão delicada dos erros na Bíblia — uma questão que pode ofender os recrutas — e prefere simplesmente falar contra as teorias “mecânicas” de inspiração, teoria do “ditado”, “uso supersticioso da Bíblia como um talismã”, ou semelhantes. Tudo isto soa ao homem comum como se fosse inofensivo. O pregador liberal não diz que a Bíblia é “divina” — que ela é, de fato, mais divina porque é mais humana? O que

³ Não se nega que há algumas pessoas na igreja moderna que negligenciam o contexto das citações bíblicas e que ignoram as características humanas dos escritores bíblicos. Mas, de uma forma inteiramente não justificada, este modo defeituoso de usar a Bíblia é atribuído, por insinuação pelo menos, ao grande corpo daqueles que sustentam a inspiração da Escritura.

poderia ser mais edificante do que isto? Mas, naturalmente, estas aparências são enganadoras. Uma Bíblia cheia de erros certamente é divina no sentido panteísta moderno de “divino”, de acordo com o qual Deus é apenas outro nome para o curso do mundo, com todas as suas imperfeições e todos os seus pecados. Mas o Deus que o cristão adora é um Deus da verdade.

Deve ser admitido que há muitos cristãos que não aceitam a doutrina da inspiração plena. Esta doutrina é negada não apenas pelos oponentes liberais do Cristianismo, mas também por muitos homens cristãos verdadeiros. Há muitos homens cristãos na igreja moderna que acham que a origem do cristianismo não foi um mero produto da evolução, mas uma entrada real do poder criativo de Deus, que não dependem para sua salvação de seus próprios esforços, mas do sangue expiatório de Cristo — há muitos homens na igreja moderna que aceitam desta forma a mensagem central da Bíblia e, mesmo assim, crêem que esta mensagem veio até nós simplesmente na autoridade de um testemunho digno de confiança, realizando sua obra literária sem qual quer assistência ou direção sobrenatural do Espírito de Deus. Há muitos que crêem que a Bíblia é correta em seu ponto central, em seu relato da obra redentora de Cristo e, mesmo assim, crêem que ela contém muitos erros. Estes homens não são realmente liberais, mas cristãos; porque aceitam como verdadeira a mensagem da qual o Cristianismo depende. Um grande abismo os separa daqueles que rejeitam o ato sobrenatural de Deus no qual o Cristianismo se ergue ou cai.

É outra questão, todavia, se a visão mediadora da Bíblia assim mantida é logicamente sustentável. O problema é que o próprio nosso Senhor parece ter sustentado a alta visão da Bíblia que está sendo aqui rejeitada. Esta, certamente, é outra questão — e uma questão a qual o presente escritor responderia com uma negativa enfática — se o pânico sobre a Bíblia, o qual dá origem a tais concessões, é justificado ou não pelos fatos. Se o cristão faz uso total de seus privilégios cristãos, ele encontra o trono da autoridade em toda a Bíblia, a qual ele não considera como mera palavra de homens, mas como a própria Palavra de Deus.

A visão do liberalismo moderno é muito diferente. O liberal moderno não rejeita apenas a doutrina da inspiração plena, mas até mesmo o respeito pela Bíblia que seria apropriado em contraste com qualquer livro ordinariamente digno de confiança. Mas o que substitui a visão cristã da Bíblia? Qual é a visão liberal quanto ao trono da autoridade na religião?⁴

⁴ Para o que se segue, compare “Por Christ or Against Him.” no The Presbyterian, em 20 de Janeiro de 1921, p.9.

Às vezes dá-se a impressão de que o liberal moderno substituiu a autoridade da Bíblia pela autoridade de Cristo. Ele não pode aceitar, diz, o que considera como ensino moral perverso do Antigo Testamento ou os argumentos sofisticados de Paulo. Mas ele se considera um verdadeiro cristão porque, ao rejeitar o resto da Bíblia, ele depende apenas de Jesus.

Esta impressão, no entanto, é absolutamente falsa. O liberal moderno não sustenta realmente a autoridade de Jesus. Mesmo se ele o fizesse, de fato, ainda estaria empobrecendo grandemente seu conhecimento de Deus e do caminho da salvação. As palavras de Jesus, faladas durante o seu ministério terreno, dificilmente conteriam tudo o que precisamos saber sobre Deus e sobre o caminho da salvação; visto que o significado da obra redentora de Jesus dificilmente poderia ser totalmente apresentado antes da obra ser completada. Poderia, de fato, ser apresentada por meio de profecia e, na verdade, foi exposta por Jesus mesmo nos dias de sua carne. Mas a explicação total só poderia ser naturalmente dada depois da obra ser completada. E este realmente foi o método divino. É um insulto, tanto ao Espírito de Deus como ao próprio Jesus, considerar o ensino do Espírito Santo, dado através dos apóstolos, inferior em autoridade ao ensino de Jesus.

Na realidade, todavia, o liberal moderno não sustenta de forma estável nem mesmo a autoridade de Jesus. Ele, com certeza, não aceita as palavras de Jesus como elas foram registradas nos Evangelhos. Porque entre as palavras registradas de Jesus são encontradas aquelas coisas mais abomináveis à igreja liberal moderna, e em suas palavras registradas, Jesus também aponta em direção à revelação mais completa posteriormente dada através dos seus apóstolos. Evidentemente, então, estas palavras de Jesus que são consideradas autoritárias pelo liberalismo moderno, devem, em primeiro lugar e através de um processo crítico, ser selecionadas de uma massa de palavras registradas. O processo crítico, com certeza, é muito difícil e freqüentemente surge a suspeita de que o crítico pode estar conservando como palavras genuínas do Jesus histórico, apenas aquelas palavras que se adequam às suas próprias idéias pré-concebidas. Mas, mesmo depois do processo de seleção ter sido completado, o estudioso liberal ainda é incapaz de aceitar a autoridade de todos os ditos de Jesus; ele deve finalmente admitir que até mesmo o Jesus “histórico”, reconstruído pelos historiadores modernos, disse algumas coisas não verdadeiras.

Isto é normalmente admitido. Mas, é mantido que embora nem tudo o que Jesus disse seja verdadeiro, seu “propósito de vida” central ainda é considerado como um regulador para a igreja. Mas, qual, então, foi o propósito de vida de Jesus? De acordo com o menor, e se o criticismo moderno for aceito, o primeiro dos Evangelhos, o Filho do Homem, “não

veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Marcos 10.45). Aqui a morte vicária é colocada como o “propósito de vida” de Jesus. Este discurso deve, naturalmente, ser colocado de lado pela igreja liberal moderna. A verdade é que o propósito de vida de Jesus descoberto pelo liberalismo moderno não é o propósito de vida do Jesus real, mas apenas representa aqueles elementos no ensino de Jesus — isolados e mal interpretados — que concordam com o programa moderno. Não é Jesus, então, quem é a autoridade real, mas o princípio moderno pelo qual a seleção dentro do ensino registrado de Jesus foi feito. Certos princípios éticos isolados do Sermão do Monte são aceitos, não por que sejam ensinados de Jesus, mas porque concordam com as idéias modernas.

Não é verdade de maneira alguma, então, que o liberalismo moderno é baseado na autoridade de Jesus. Ele é obrigado a rejeitar uma vasta quantidade do que é absolutamente essencial no exemplo e ensino de Jesus — especialmente a sua consciência de ser o Messias celestial. A autoridade real, para o liberalismo, só poder ser “a consciência cristã” ou “experiência cristã”. Mas como as conclusões da consciência cristã devem ser estabelecidas? Com certeza não por um voto majoritário da igreja organizada. Este método, obviamente, iria aniquilar toda a liberdade de consciência. A única autoridade, então, só pode ser a experiência individual; a verdade só pode ser aquilo que “ajuda” o homem individual. Esta autoridade, obviamente, não é autoridade de forma alguma; porque a experiência individual é infinitamente diversa e quando a verdade é considerada apenas como aquilo que funciona em um tempo específico, ela deixa de ser verdade. O resultado é um ceticismo abismal.

O homem cristão, por outro lado, encontra na Bíblia a própria Palavra de Deus. Não se diga que a dependência de um livro é algo artificial ou morto. A Reforma do século XVI foi baseada na autoridade da Bíblia e, mesmo assim, colocou o mundo em chamas. A dependência na palavra de um homem seria servil, mas a dependência na Palavra de Deus é vida. O mundo seria escuro e sombrio se tivéssemos sido deixados por conta de nossos próprios esquemas e não tivéssemos a Palavra abençoada de Deus. A Bíblia, para o cristão, não é uma lei pesada, mas a própria Carta Magna da liberdade cristã.

Não é de se surpreender, então, que o liberalismo seja totalmente diferente do cristianismo, visto que a base é diferente. O cristianismo é baseado na Bíblia. Ele baseia-se na Bíblia tanto no seu pensamento quanto na sua vida. O liberalismo, por outro lado, é baseado nas emoções diversificadas de homens pecadores.